

## RESENHA DO FILME “SHOW DE BOLA”

Luiz Carlos Ribeiro de Sant'ana<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

caoargos@hotmail.com

Recebido em 12 de setembro de 2009

Aprovado em 21 de outubro de 2009

### Resumo

Breve apresentação e observações críticas do filme “Show de bola”, que fez sua estréia no Brasil em 2007.

**Palavras-chave:** cinema; futebol; arte.

### Abstract

**Film Review: “Show de Bola” (Brazil/Germany 2007).**

Short commentaries on the Brazilian/German movie “Show de bola”.

**Keywords:** cinema; football; art.

Tendo entrado em cartaz no Brasil em agosto de 2008, esta obra traz mais um olhar sobre o mundo das comunidades pobres do Rio de Janeiro. Nesse sentido, talvez haja possibilidade de um emparelhamento deste filme com outras tantas produções que passaram a explorar esse filão. Trata-se da descrição, exposição e reflexão sobre os temas, dilemas e cotidiano do lado mais empobrecido daquela que já foi chamada de “cidade partida”. O cinema nacional tem focado nessa repartição e nas inúmeras e mais ou menos conflituosas relações entre “asfalto” e “morro”. Poderíamos pensar em *Como nascem os anjos* (1996), o brilhante *Cidade de Deus* (2002), *Cidade dos Homens* (a série televisiva e o filme de 2007), o surpreendente *Tropa de Elite* (2007), *Era uma Vez*

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada – PPGHC/IFCS/UFRJ.

(2008) etc. Este último, por sinal, estrelado pelo mesmo protagonista de *Show de Bola*, Thiago Martins. Esse jovem artista talvez seja fruto mesmo dessa tendência. Morador do Cantagalo, teve sua formação no Grupo “Nós do Morro”. Conhecido por seu trabalho em novelas e produções globais, Thiago também fez papéis no teatro.

Show de bola foi dirigido por um alemão, Alexander Pickl, em trabalho de estréia em longa metragem. O enredo versa sobre a trajetória de um garoto bom de bola que vê uma possibilidade de ascensão por intermédio da profissionalização no futebol. Tiago, o nome do protagonista, teve seu pai assassinado, a sua frente, no intervalo de um jogo no Maracanã. Sua mãe é extremamente doente e dependente e seu irmão mais velho sustenta a casa, com um emprego humilde. Em meio ao tráfico, comandado por um conhecido de infância, “Tubarão” (vivido por Lui Mendes), e com seus colegas menos afortunados, “Sabiá” e “Cocada” (sem talentos distintivos que possibilitem o sonho de uma alternativa), Tiago tem de enfrentar poucas e boas para tentar efetivar seu talento.

Pois bem, mas e aí? Do que trata realmente o filme? Vamos nos ater a um aspecto: o papel do futebol na trama/recado. Primeiramente registremos que se Thiago Martins provavelmente não é um craque, também não decepciona nas seqüências futebolísticas. Este é um traço destacável, dada a reconhecida dificuldade de se obter boas imagens com a reprodução de cenas desse esporte. Aqui como alhures, também encontramos uma rede de significados sociais para o futebol. Antes de tudo, talvez, represente a “chance” do personagem de vencer o mundo restritivo no qual se encontra. Isso poderia ser desmembrado de várias formas, mas vamos fazê-lo pelo acompanhamento da trilha sonora (bastante adequada, aliás). Três momentos parecem marcantes. Logo após o assassinio de seu pai, Tiago aparece batendo bola

compenetradamente, obsessivamente, ao som de “Qual é?”, de Marcelo D2: “*Essa onda que tu tira qual é, essa marra que tu tem qual é...*”. O garoto cresce (em clássico recurso cinematográfico) e aparece, mais velho, ainda arrematando a pelota contra um muro, já castigado por seus pontapés. O futebol, aqui, aparece como canal de extravasamento; uma resposta possível (talvez a única para Tiago) à morte do pai; à dureza da favela. Uma isolada possibilidade de tirar “marra” com alguma coisa. Enfim, uma alternativa ao seu drama pessoal.

Outro conjunto de tomadas significativo é quando Tiago, junto com seu amigo Sabiá, visita o Maracanã. Nessa ocasião, Tiago consegue entrar no gramado. Com sua bola velha e no tapete do *maior do mundo*, se põe a sonhar. Três seguranças percebem a movimentação e partem em seu encalço. Em total licença poética, Tiago dribla magistralmente seus perseguidores, ao som de um samba que anuncia que “(...) *o povo vem descendo a cidade para ver carnaval* [futebol também, diria] *de verdade (...)*” (“Do jeito que o Rei mandou”, Diogo nogueira). O futebol, aqui, é a chance de mostrar valor e vencer no asfalto. Uma alternativa ao drama social.

Quase no final, após enfrentamentos dramáticos e sangrentos, temos uma panorâmica aérea do Rio de Janeiro, novamente embalada por um samba, que vaticina: “*Um dia vou encontrar a felicidade...*” (“Talvez”, Grupo Revelação).

O encerramento sugere o retorno a um ciclo. Um menino encontra a bola de Tiago, chutada e descartada por ele, num momento de fúria. Começa (ou re-começa) a brincar com ela; o jogo (o mesmo, com outros personagens) reinicia. O futebol, aqui, é engrenagem de sonhos, ilusões, chances quase sempre oníricas, além de imagem crítica à perpetuação da partição social.

A despeito de um ou outro problema de argumento e de entradas inverossímeis (mesmo com fins de licença), tais como o improvável balé no gramado do Maracanã (e outras não mencionadas, como um sonho de Tiago no qual o jogador tem que, de novo, driblar... aborígines (?) na pista do sambódromo...), o filme agrada e prende; vale conferir.